

Introdução

A importância do estudo da história da luta dos trabalhadores reveste-se, para uma organização sindical que se assume de classe, da maior importância.

Desde logo, pelo entendimento de que existe um continuum nessa mesma luta a que o presente pertence, ainda que, em determinadas circunstâncias histórias, estas sejam consideradas imperceptíveis ou latentes, pelo menos, numa análise não tão aprofundada. É através desta perspectiva que se assume então a continuidade, ou a pretensa retoma, dependendo do caso em análise, desse caminho que, pertencendo ao presente, é, simultaneamente, “propriedade” do passado.

Assim se pode, por exemplo, entender um protagonismo verdadeiramente colectivo. Não só pela característica intrínseca da luta dos trabalhadores, que é a sua associação na defesa dos interesses comuns, mas precisamente também porque os protagonistas desse caminho comum, considerados individual ou colectivamente, não coexistem todos no mesmo espaço-tempo. Ou seja, pode-se entender que a acção da luta dos trabalhadores de hoje, afastada evidentemente de qualquer determinismo mecanicista, é acção do presente, das suas circunstâncias e respectivos protagonistas, mas é também profundamente alavancada pelo predecessores destes.

Este reconhecimento da acção colectiva cria então identidade e identificação que ultrapassam largamente qualquer espaço-tempo específico, sem que, contudo, se possam obliterar especificidades e circunstâncias presentes de tal ou tal momento, ou de tal ou tal espaço próprio de acção dos trabalhadores. E, simultaneamente, também estas passarão a ser parte integrante do continuum referido, constituindo-se assim como reportório nos caminhos que virão na luta dos trabalhadores.

Assim, o estudo deste conhecimento, nesta como em todas as restantes matérias, constitui-se como ferramenta transformadora.

Sublinhe-se justamente o valor desse estudo para além do seio das organizações dos trabalhadores. A produção de ciência pelo meio académico relativa a esta matéria é de superior importância, porque se entende que ao meio académico compete o reconhecimento e valoração da história da luta dos trabalhadores como objecto de estudo fundamental. Parece-nos incontornável que essa história é elemento incontornável de

“toda a história”, ou, pelo menos, muito para além da importância que nos parece que lhe tem sido comumente atribuída, designadamente, nesses mesmo meios académicos. Cabe-nos uma última nota de valorização do estudo científico e académico da luta dos trabalhadores. Estudá-la é também estudar entendimentos e perspectivas que sobre ela foram sendo feitos ao longo dos tempos. Muitas dessas ferramentas do conhecimento desenvolvidas nesta área parecem-nos manifestamente ignoradas pelos meios académicos. Tão manifestamente ignoradas que nos é quase impossível não relacionar essa quase obliteração, ou, pelo menos, essa absoluta menorização, ao sintoma que Karl Marx identificou de que as “ideias da *classe dominante* são, em cada época, as ideias dominantes”. Nunca se poderá entender tal conceito como valor absoluto, mas sim como uma imprescindível generalização analítica, pois é também Marx que descobre que existem características num dado modo de produção que serão perenes naquele que lhe sucederá. Tendo em conta esta perspectiva, compete, a quem for da ciência, fazer ciência que fique. Que se comprove e seja comprovada. Séria e crítica. Revisitando reportórios teóricos sem preconceitos. Polemizando construtivamente o conhecimento passado e presente. Reflectindo com o rigor que permita que, mesmo em cima de entendimentos errados, interpretações incompletas, ou quaisquer outros “percalços” teóricos, se avance no conhecimento científico que, entendemos irrevogavelmente, servirá sempre o bem-comum.

Por tudo isto, valorizamos muito esta iniciativa em torno do tempo de trabalho.

Como nota final, é-nos impossível não referir que é precisamente em torno da redução do tempo de trabalho, muito mais do que em qualquer outra conquista dos trabalhadores, que reside a mais crucial ferramenta da luta contra a exploração. Na luta pelos salários, qualquer conquista pode ser anulada por factores que ultrapassam a esfera de intervenção imediata destes, como por exemplo a inflação, ou outras, que em situação desfavorável reduzem o poder de compra dos trabalhadores sem que sejam alterados nominalmente os seus rendimentos. Já a redução do horário de trabalho é um imediato “golpe” contra a exploração dos trabalhadores, com reversão bem mais difícil do que qualquer outra. Por isso mesmo, se entende a resistência tenaz das “ideias dominantes” em qualquer discussão neste âmbito. Precisamente pelas mesmas razões se percebe a luta tenaz, e sempre presente, da CGTP-IN na reivindicação pela redução do horário de trabalho.

União de Sindicatos do Porto